



Resenha do livro:

Caldas, H.; Murta, A.; Murta, C. (Org.). *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012. 292p.

Bem-vindo esse livro que antecede o debate sobre o tema do XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano: “Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico”. A partir da Orientação Lacaniana, ele oferece ao leitor diversas abordagens para pensar o feminino na clínica psicanalítica, que, em nosso tempo, se caracteriza por modalidades diversas de relação com o Outro, pois o modo *nãotodo* entrou na cultura, como Ondina Machado comenta na apresentação.

O gozo feminino é o fio de Ariadne que cada autor toma para tratar do que decorre do excesso, quando este, fora da significação fálica, retorna ao corpo como devastação, formação sintomática, fenômeno psicossomático ou acontecimento de corpo. Através de casos clínicos e testemunhos de AEs, os artigos vão além dos impasses que esse gozo provoca, versando sobre as soluções singulares possíveis que cada um inventa para lidar com o que dele não cessa de não se escrever.

A primeira parte, intitulada “De Freud a Lacan”, inicia-se com um texto clássico sobre o feminino — a “Conferência 33”, de Freud, “A feminilidade” — cuidadosamente retraduzido do alemão por um cartel composto por colegas da EBP. Em consonância com essa conferência, o texto de Jacques-Alain Miller compila duas lições do Curso *De la naturaleza de los semblantes*, que passaram por nova revisão da tradução, acrescidas de referências bibliográficas que orientam a pesquisa sobre o tema.

Em “Mulheres e semblantes”, Miller ressalta que, pela maneira como lidam com a castração, as mulheres são inimigas dos semblantes da civilização e estão, assim, mais próximas do real. Na experiência clínica, a falta de identidade e de consistência, o sentimento de fragmentação corporal, os momentos de ausência de si mesmas, a estranha relação com o infinito e o sentimento de incompletude radical expressam o efeito da relação essencial que as mulheres mantêm com o nada. Frente a isso, a mascarada e o cinismo feminino, a mulher com postigo e o pudor são distintas formas de fazer semblante face ao real do gozo que ultrapassa o falo e todo significante, assim como velam que A mulher não existe.

Ainda nessa rubrica, Esthela Solano Suarez, Marie-Hélène Blancard e Marie-José Asnoun partem da questão freudiana “O que quer uma mulher?” e apresentam algumas possibilidades de intervenção sobre o gozo feminino, que, por responder à



lógica do *nãotodo*, tende ao infinito e a retornar no corpo, arrebatando-o. Pela impossibilidade de apreendê-lo pela via da retórica do inconsciente, a clínica de orientação lacaniana aposta na *ex-sistência*. O percurso de uma análise, orientado para o real sem sentido, permite a apreensão do *sinthoma*, forma absolutamente singular de lidar com o que está além de uma significação possível e que, por isso, se repete como mal-estar.

Em seguida, na parte intitulada “O feminino no corpo”, são apresentados casos clínicos que ilustram claramente como o gozo feminino, ao desafiar a significação fálica, inscreve um limite do simbólico. Os modos de gozo, na atualidade, e sua incidência na experiência analítica indicam a presença desse gozo que não se deixa reduzir e exige um trabalho analítico distinto da decifração do inconsciente transferencial. Ele faz obstáculo à instalação do dispositivo analítico, nos dias de hoje, e traz dificuldades para o diagnóstico diferencial e para a direção do tratamento.

Na terceira parte, “O feminino no ensino do AE”, alguns testemunhos de passe colocam o amor em destaque e enfatizam o valor do *sinthoma* para um enlace satisfatório nas parcerias amorosas. Ana Lydia Santiago fala sobre a importância do olhar paterno para ultrapassar a vertente mortífera da identificação ao Outro do amor. Angelina Harari relata a passagem da proibição à permissão de gozo. Sérgio de Campos expõe que a crença no sintoma e certo *savoir y faire* com o amor permitem “usar do *sinthoma* a possibilidade de amar a mulher como Outro”.

Em sequência, “Feminino e *sinthoma*” aborda as possibilidades de respostas para os encontros contingentes com o real. Ester Cristelli fala sobre a *histoeria* de Índia, Alberto Murta apresenta um sonho, Jésus Santiago se detém na versão de Lacan analisante e Ana Lúcia Lutterbach Holck cita Proust. Seja pelo refúgio na religião, que permite uma ancoragem no simbólico e a criação de um espaço próprio para o desejo, seja pela redução de um semblante esvaziado de sentido a um som onomatopéico, ou mesmo por meio do passe, segundo Jésus Santiago, “é a elevação do dejetivo que prevalece ‘sobre uma totalidade da qual se torna um pedaço’ do real, que se vê assim reduzido a ser uma ‘peça avulsa’, produto da salvação alcançada pelo amor mais digno”.

Em “O feminino no século XXI”, os textos giram em torno da nova configuração da ordem simbólica, que acarreta o aparecimento de sintomas contemporâneos marcados por um gozo que, além de qualquer significação, toca diretamente o corpo em fenômenos que não respondem ao tratamento pela decifração. Jorge Forbes circunscreve os atuais desafios para a psicanálise, que, afetada pelas transformações



do laço social da globalização, precisa ir para além do Édipo para responder, de forma mais satisfatória, aos impasses do homem desbussolado. Elisa Alvarenga esclarece como a “aspiração contemporânea à feminilidade” institui uma ordem de ferro nada pacificadora na sua exigência superegoica que retorna como devastação. Heloisa Caldas se serve do filme *A pele que habito* para indicar os limites no entrelaçamento dos três registros, ao dizer que a psicanálise “parte do princípio de que resta algo que não se pode mostrar, dizer ou fazer”. Nesse sentido, o discurso analítico promove uma operação que privilegia o sujeito e cuida dos semblantes que revestem o gozo que, pelo furo do saber, “flui mais a favor da vida do que da morte”. Sônia Vicente faz uma reflexão sobre a clínica com mulheres, na qual constata que a busca pelo amor e pela paixão a qualquer custo pode enlouquecer. E Lêda Guimarães aborda a responsabilidade dos analistas em fazer operar uma nova amarração nas neuroses contemporâneas, capaz de transformar o desvario do gozo oral em extração do objeto a no Outro. Ou seja, uma passagem do imperativo “Te devoro” para “Te mutilo”.

Portanto, na época dos sintomas contemporâneos tão ilustrativos de como o gozo feminino resiste ao sentido, resta ao analista a possibilidade de se fiar em ferramentas mais propícias para lidar com esse real opaco que insiste em se inscrever no corpo, por meio de fenômenos que não respondem ao dispositivo *standard* da psicanálise freudiana. Frente ao enigma colocado pelos sintomas contemporâneos, “Decifra-me ou te devoro!”, o desejo do analista orientado por uma clínica em direção ao real é essencial para fazer da psicanálise, segundo Forbes, “o tratamento do futuro”.

Angélica Cantarella Tironi